

VIVÊNCIAS FILOSÓFICAS: a filosofia na vida de alunos do ensino médio integrado do IFPA.

João Batista de SOUSA NETO¹

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência sobre minha prática como professor de filosofia do IFPA e sobre as experiências dos alunos a respeito da importância das aulas de filosofia em suas vidas. O estudo visa instigar a reflexão dos professores da área de filosofia sobre a prática docente.

Palavras-chave:

Ensino-aprendizagem; Admiração; Perplexidade; Filosofar.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do relato desta experiência é instigar a reflexão dos professores da área de filosofia sobre a prática docente.

De setembro de 2016 a janeiro de 2020 fui professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará- IFPA, Campus Marabá Industrial. Quando cheguei, minha inquietação e “angústia existencial” só aumentaram diante do panorama educacional que encontrei e tenho encontrado durante toda a minha trajetória profissional; alunos e professores desmotivados, alto índice de evasão e reprovação, desvalorização dos educadores, entre outros fatores.

Mesmo diante deste cenário, o ensino de filosofia pode e deve ir muito além da prática de ensinar e aprender a História da Filosofia. Tal ato pode tornar muito prazeroso e significativo se o objetivo maior for a tentativa de filosofar em sala de aula com o intuito de incitar o desejo do saber e o do pensar nos alunos. Viso com minha prática do ensino da filosofia despertar nos discentes a perplexidade, o espanto e a admiração para que assim eles possam ter o interesse e motivação para começar a filosofar.

Logo no primeiro dia de aula, faço uma sensibilização existencial, ou seja, os alunos são convidados a refletir sobre o seu “ser no mundo”, a partir das seguintes perguntas: “Quem sou eu?”, “Qual é o meu objetivo?”, “Quais são os meus sonhos?”, “Quais são minhas metas para o ano letivo?”, “Qual o meu sentimento quando falo da minha existência?”. Após essas perguntas é dado um tempo para que os alunos possam refletir e escrever no caderno suas motivações e logo em seguida são convidados a verbalizar para a turma.

Nessa mesma aula faço a minha apresentação, conto minha história de vida e de superação

¹ Professor EBTT de Filosofia da Escola Preparatória de Cadetes do Ar – EPCAR/ Barbacena-MG.
joabatistasn@gmail.com

até chegar a ser professor de filosofia. Um fato que eu sempre relato é o presente que o meu pai me deu. Segue a história que denomino de “a sabedoria de meu pai”.

Quando eu era adolescente pedi uma bicicleta para o meu pai. Certo dia ele foi à cidade e comprou a “bicicleta”, porém quando vi o presente fiquei estupefato, não conseguia entender aquilo que estava na minha frente. E foi aí que meu pai disse: “É isso mesmo, meu filho! Pode acreditar no que você está vendo. A sua bicicleta é uma enxada da marca “jacaré”, com ela você vai poder comprar quantas bicicletas quiser”!

Meu pai pegou aquela enxada, colocou um cabo, e me deu com muito orgulho. Com ela trabalhei alguns anos e com boa vontade. Eu continuava sonhando em ter uma bicicleta, portanto, depois de muito trabalho, consegui comprá-la. Sou extremamente grato à “bicicleta” que meu pai me deu, porque assim, ele me ensinou que para conseguir as coisas é preciso lutar; ensinou-me a dar valor às conquistas, pois “nada na vida se consegue com facilidade”. Relato essa história com o objetivo de motivar meus alunos na vida e nos estudos.

Ao longo dos onze anos de prática docente, sempre observei que quando conto esse fato obtenho bons resultados. Percebo que os alunos, sensibilizados com minha trajetória de vida, ficam mais motivados a participar das minhas aulas; crio uma aproximação professor-aluno que facilita no ensino-aprendizagem. Essa minha narrativa causa nos alunos admiração e ao mesmo tempo espanto; gera neles certo estranhamento que os impulsiona a trilhar os caminhos da filosofia.

A perplexidade, espanto e admiração são causas que inquietam o homem e o levam à filosofar. É com essa inquietação que vou para a sala de aula com o objetivo de também despertar nos discentes a inquietação do desejo do saber, a vontade de aprender filosofia e de filosofar. Para Buzzi (1983, p.159) “a admiração é a paixão fundamental do filósofo, porque permite que o ser o interpele e o prepare para compreendê-lo”.

Já Aristóteles elucida que:

Foi, com efeito, pela admiração que os homens, assim hoje como no começo, foram levados a filosofar, sendo primeiramente abalados pelas dificuldades mais óbvias, e progredindo em seguida pouco a pouco até resolverem problemas maiores: por exemplo, as mundas da Lua, as do Sol e dos astros e a gênese do Universo. (ARISTÓTELES,1984p.14)

A nossa existência é permeada por questões adversas que devem necessariamente criar em nós o espanto, admiração e o desejo do saber para que assim possamos fugir da ignorância. E continua Aristóteles:

Ora quem duvida e se admira julga ignorar: por isso, também quem ama os mitos é, de certa maneira, filósofo, porque o mito resulta do maravilhoso. Pelo que, se foi para fugir à ignorância que filosofaram, claro está que procuram a ciência com o desejo de conhecer, e não em vista de qualquer utilidade. (ARISTÓTELES,1984 p.14)

Platão (2001, p. 55) também afirma entusiasmado que a admiração é o princípio da filosofia.

Essa afirmação aparece no diálogo *Teeteto* 155d, quando Sócrates diz a Teodoro que “a admiração é a verdadeira característica do filósofo. Não tem outra origem a Filosofia”. Percebo que a admiração e o espanto são princípios que carregam e sustentam a filosofia. Dessa forma esses motivos não podem e não devem ser deixados de lado na prática do ensino da filosofia, a sala de aula é um laboratório propício para incitar a perplexidade e a admiração filosófica.

Procuro trazer para minha prática pedagógica os princípios defendidos por Platão e Aristóteles e, ao longo dos três anos que permaneci no IFPA, percebi que o objetivo foi alcançado. Isso ficou mais claro quando recebi vários textos dos alunos relatando a importância das minhas aulas de filosofia em suas vidas e também o testemunho da pedagoga do *Campus*.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Vários testemunhos dos alunos escritos no final das provas ao longo dos anos; cartas recebidas expressando a importância do ensino de filosofia em suas vidas, relatório da pedagoga do Campus após entrevista com os alunos.

3. RELATO DA EXPERIÊNCIA

Geralmente, inicio minhas aulas sempre animado, contagiando a turma já com o “bom dia”! O tom que é dado ao “bom dia” é o suficiente para levantar o astral da turma. Em uns cinco minutos (para não comprometer o planejamento curricular), questiono-os como eles estão e se percebo que tem alguém desanimado, procuro verificar o que aconteceu e dou espaço para verbalizar se for uma questão coletiva, levando-os a uma reflexão para que tomem a melhor decisão. Em seguida, procuro trazer o ensino da História da Filosofia para os dias de hoje, ajudando o aluno perceber como a filosofia é viva. Cito exemplos, contextualizo e faço uso de outras práticas que julgo necessário conforme a dinâmica da turma. Nas aulas também utilizo vários recursos didáticos como: quadro branco, data show, vídeo aula, dinâmicas de grupos, exercícios e relatório no final da aula.

No que concerne às atividades avaliativas, além da prova bimestral, são: “seminário de leitura filosófica” e “entrevista filosófica”.

No seminário de leitura filosófica os alunos são convidados a ler um livro e ou estudar um filósofo e apresentar para a turma, procurando mostrar o cunho filosófico da obra lida. Os livros são escolhidos em alguns bimestres de acordo com o interesse de cada aluno e em outros bimestres direciono-os a leituras de acordo com os temas estudados no referido período.

Na entrevista filosófica é o momento que cada aluno é convidado para um “bate papo filosófico com o professor”. São feitas perguntas referente ao conteúdo ministrado e sobre a vida pessoal do aluno. Como por exemplo: “Dos conteúdos ministrados, qual ou quais foram mais significativos para você?” “O que o estudo da filosofia tem lhe despertado no dia a dia?” e outras perguntas que verifico serem relevantes de acordo como o perfil ou demanda de cada aluno e de cada turma.

A pedagoga Maria Nildes Batista Silva, do IFPA- Campus Marabá Industrial, sempre conversa

com os alunos para saber como tem sido o trabalho dos professores em sala de aula. Com base nessas conversas, ela elaborou o seguinte relatório a respeito de minha prática docente:

[...] Tive conversas individuais e em grupo com os alunos. Quis saber o que acontecia nas aulas de filosofia que eles gostavam tanto. Aí me disseram: *“Inicialmente não gostávamos das aulas. Era muita leitura em sala de aula e ficava muito monótono. Aí um grupo de alunos falou com o professor que não estava bom. A partir daí, vieram as mudanças”*. Perguntei: Que mudanças? E aí todos queriam falar ao mesmo tempo. Pedi que se acalmassem e uma aluna prosseguiu: *“Ah... agora nós temos a “Entrevista Filosófica” [...] “Seminário de Leitura Filosófica” [...] “Palestra filosófica” que é uma espécie de roda de conversa sobre tópicos do conteúdo estudado.”* Em seguida outro aluno acrescentou: *“Na realidade o diferente é que o professor se preocupa com a gente Se a gente está bem.... se estamos compreendendo o assunto... Não é como os outros que chega passa conteúdo e não quer nem saber... não conhece o aluno. Hoje ninguém quer faltar as aulas de filosofia, porque a aula dele nos faz bem. Podemos chegar tristes, a aula nos alegra”*. E a conversa continua. Então vocês consideram o professor de filosofia um bom professor? Resposta: *“Sim. É maravilhoso. Ele se preocupa com a gente e nós passamos a confiar nele... Ensina a gente a pensar... Já aconteceu de a gente chorar na aula dele”*. Esses relatos acenderam em mim a esperança já desvanecida de que é possível ensinar e aprender de forma prazerosa. Sim, é possível. Lembrei-me de Paulo Freire quando diz que “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. [...] humildade, a autoavaliação e a afetividade [...] A prática acima descrita vem corroborar com a ideia de que o ensinar não se encerra em um monólogo. É preciso saber ouvir... e calar, se preciso for. No caso do professor de filosofia preferiu ouvir, ao invés de reprimir; acolher, ao invés de julgar; conversar, ao invés de punir. O êxito da relação em sala começou quando o professor deu voz aos alunos. Isso falta aos professores: descer da cátedra e buscar a empatia necessária ao ato de educar” (SILVA, 2018)².

Além desses, são inúmeros depoimentos que nos leva a refletir e a perceber como o ensino da filosofia vai muito além de ensinar doutrinas filosóficas.

4. CONCLUSÕES

O estudo a respeito da influência das aulas de filosofia na vida dos alunos tem uma considerável contribuição social, educacional e pessoal, além disso, o relato dessa experiência pode permitir a reflexão e colaborar com a prática pedagógica de muitos docentes de filosofia.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução direta do grego de Vincenzo Coceo e notas de Joaquim de Carvalho. São Paulo: Editor Victor Civita, 1984.

BUZZI, Arcângelo, R. **Introdução ao pensar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

MATOS, J. CORNÉLIO. Filosofando sobre o ensino de filosofia. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 24, n. 36, p. 367-382, mar. 2015. ISSN 0104-6675. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnfp/article/view/453>>. Acesso em: 10 setembro de 2020.

PLATÃO. **Teeteto** - Crátilo. Trad Carlos Alberto Nunes. 3 ed. Belém: UFPA, 2001.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia**: Antiguidade e Idade Média. Volume I. São Paulo: Paulinas, 1991.

² Relatório de caráter avaliativo da prática docente elaborado pela pedagoga Maria Nildes Batista Silva do IFPA, Campus Marabá Industrial, 20 de agosto de 2018.